

FERREIRA, Luciane Corrêa; GLODNADEL, Marcos; KRAUSPENHAR, Daiana Grings. A Tradução da metáfora: uma abordagem cognitiva. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. V. 5, n. 8, março de 2007. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].

## **A TRADUÇÃO DA METÁFORA: UMA ABORDAGEM COGNITIVA**

**Luciane Corrêa Ferreira**<sup>1</sup>

**Marcos Goldnadel**<sup>2</sup>

**Daiana Grings Krauspenhar**<sup>3</sup>

luciucsc@yahoo.com.br

emegold@gmail.com

daianagk@yahoo.com.br

**RESUMO:** O presente estudo situa-se no âmbito da lingüística cognitiva e visa a investigar o fenômeno da tradução de metáforas em filmes alemães. A fim de ilustrar o fenômeno estudado e apresentar possíveis contribuições para os estudos teóricos da tradução, fez-se uso da Teoria da Metáfora Conceptual, de Lakoff e Johnson, para a análise da metáfora e da Teoria da Relevância, de Sperber & Wilson, para a análise do processo tradutório. As seguintes perguntas nortearam o estudo: Qual a importância das metáforas na tradução como ato comunicativo? Até que ponto o modelo da Teoria da Metáfora Conceptual e da Teoria da Relevância podem auxiliar os estudos teóricos da tradução na análise das metáforas? O estudo apontou o potencial descritivo de ambas teorias como uma ferramenta auxiliar na compreensão da metáfora e de sua tradução.

**PALAVRAS-CHAVE:** tradução; lingüística cognitiva; metáfora; pragmática.

### **INTRODUÇÃO**

A tradução de textos, principalmente de obras com valor artístico, coloca permanentemente o tradutor diante da necessidade de encontrar, para passagens com

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e professora da Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

<sup>2</sup> Professor do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<sup>3</sup> Graduada em Letras pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

significação implícita, equivalentes lingüísticos capazes de manter o valor expressivo encontrado no original. O debate teórico em torno dos processos de significação em linguagem verbal tem contribuído para o enfrentamento desses desafios recorrentes na atividade tradutória. Abordagens teóricas como Sperber e Wilson (1986) e Lakoff e Johnson (1980), por exemplo, ao lançarem nova luz sobre a significação não-literal, podem contribuir para o aprimoramento da tradução, explicitando mecanismos de produção de sentido e promovendo, dessa forma, uma conscientização acerca das práticas adotadas.

A utilização de teorias como as mencionadas, com uma larga tradição de debate acadêmico, como forma de refletir sobre a prática da tradução tem dupla motivação. De um lado, a análise de exemplos concretos, diante dos quais se depara o tradutor em sua atividade, serve como forma de ilustrar questões teóricas relevantes, chamando a atenção para a articulação de conceitos fundamentais na constituição de paradigmas teóricos, colaborando para o seu debate e consolidação. De outro, a abordagem que toma como objeto de análise o resultado de um fazer profissional colabora para o aprimoramento das práticas, configurando um espaço efetivo de contribuição teórica.

Este trabalho procura explorar as possibilidades abertas pela teoria para uma compreensão mais efetiva da natureza de problemas com os quais se depara o tradutor em sua atividade. Reconhecendo a importância das metáforas na tradução como ato comunicativo, lança mão do aparato conceitual da Teoria da Metáfora Conceptual e da Teoria da Relevância (TR) como instrumento de análise de traduções. Dessa forma, pretende colaborar com a reflexão sobre a constituição mais efetiva de critérios para a avaliação dos resultados obtidos na tradução de metáforas.

Para fins de análise, foram examinadas traduções de trechos de filmes alemães que contêm metáforas. Com base na discussão dos exemplos, procura-se mostrar as possíveis contribuições da Teoria da Metáfora Conceptual e da Teoria da Relevância para a tradução de metáforas. A partir dessas contribuições, avaliam-se as soluções dadas nas traduções analisadas e apresentam-se, nos casos cabíveis, soluções alternativas, que resultem da adequação a critérios estabelecidos em decorrência das considerações teóricas realizadas.

## 1. A METÁFORA: DA RETÓRICA CLÁSSICA A UMA ABORDAGEM COGNITIVA

Na retórica clássica, a metáfora é considerada um fenômeno da linguagem poética, sendo vista como um ornamento lingüístico que pode ser dispensado, considerada um desvio da linguagem cotidiana somente usado em textos poéticos (Halliwell, 1987). Nessa perspectiva, a metáfora seria indesejável nos discursos objetivos, em que se deveria usar uma linguagem clara, precisa e, portanto, literal. Assim, a metáfora – bem como outros usos figurados da linguagem, como a ironia e a metonímia – deveria ser evitada quando se pretendesse falar objetivamente.

Lakoff e Johnson assumem um ponto de vista que se afasta radicalmente da concepção clássica, postulando que o raciocínio humano está estruturado em termos de mapeamentos metafóricos entre domínios experienciais. Dessa forma, consideram a metáfora parte central da cognição humana. Uma ampla análise de enunciados da linguagem cotidiana permitiu aos autores identificar, subjacente à linguagem verbal, um imenso sistema conceptual metafórico, que rege o pensamento e as ações. Tal análise levou-os a concluir que a maior parte da linguagem cotidiana é metafórica, e somente uma pequena parte é literal.

Para esclarecer melhor, observemos um exemplo de Lakoff e Johnson que ilustra como conceitos que permeiam e estruturam o pensamento, denominados metáforas conceptuais pelos autores (representados em letras maiúsculas), podem ser metafóricos e estruturar uma atividade do nosso cotidiano.

- a) conceito: DISCUSSÃO;
- b) metáfora conceptual: DISCUSSÃO É GUERRA.

Essa metáfora conceptual é bastante usual em nossa vida diária em expressões como as apresentadas a seguir, que permitem compreender a motivação para a conceituação de metáfora como “compreender e experienciar uma coisa em termos de outra”.

- (1) Ele *atacou todos os pontos fracos* da minha argumentação.
- (2) *Destruí* sua argumentação.
- (3) Ele *derrubou* todos os meus argumentos (LAKOFF E JOHNSON, 2002: 46)

No uso metafórico, um conceito é estruturado em termos de outro, o que, normalmente, tem reflexos em extensões maiores do discurso, uma vez que a metáfora disponibiliza um campo semântico adicional para o uso. A utilização da metáfora conceitual DISCUSSÃO É GUERRA, por exemplo, torna acessível uma série de expressões típicas do vocabulário de guerra: atacar, destruir, vencer, ganhar, derrubar. Assim, experienciamos e compreendemos DISCUSSÃO, um domínio experiencial mais abstrato, em termos do conceito de GUERRA, aqui representado concretamente por uma batalha verbal.

Nessa perspectiva, a metáfora deixa de ser apenas fenômeno da linguagem, passando a ser considerada uma das características constitutivas do pensamento humano, metaforicamente estruturado. Segundo Lakoff e Johnson, em todos os momentos e aspectos da nossa vida cotidiana, estruturamos nossa realidade em termos de metáforas e passamos a pensar e agir a partir delas.

## **2. TRADUÇÃO E RELEVÂNCIA**

De acordo com o modelo teórico de Sperber e Wilson (1986), a relevância de uma informação, cujo ponto central é a inferência, é construída em um ambiente cognitivo mutuamente compartilhado entre o falante e o ouvinte. O falante produz estímulos – enunciados – a partir dos quais a audiência infere o que ele pretende comunicar. No caso da tradução, esse processo conta, evidentemente, com a intervenção de um tradutor, que tem, entre suas atribuições, a tarefa de garantir a manutenção dos efeitos de sentido encontrados no original.

Central na proposta de Sperber e Wilson é a idéia de que o processo de comunicação através do uso da linguagem verbal é inferencial. Sendo assim, a decodificação de sentenças em linguagem verbal, usadas em situações efetivas de comunicação, é parte de um processo mais amplo de atribuição de sentido, que permite a geração de explicaturas e implicaturas.

Como todo processo inferencial, aquele que resulta do uso da linguagem verbal conta com um conjunto de premissas e um conjunto de conclusões. Na perspectiva da

TR, um enunciado expressa uma proposição<sup>4</sup> que interage com um *background* proposicional, permitindo a produção de um conjunto de inferências sintéticas. Sendo assim, um enunciado P qualquer é contextualizado em um conjunto C, seu contexto<sup>5</sup>. As inferências de P em C são o que a TR convencionou chamar de *implicações contextuais*.

O processo inferencial disparado pela emissão de um enunciado lingüístico, no entanto, não é ilimitado, ou seja, não resulta na produção de um conjunto irrestrito de inferências sintéticas. Se assim fosse, considerando o estoque de informações possuídas pelos interlocutores, qualquer enunciado dispararia a produção de um conjunto desproporcionalmente grande de inferências, ocupando o ouvinte de um enunciado com um cálculo que se estenderia por largo período de tempo, o que impediria o próprio fluxo do diálogo ou da leitura.

Qual seria, então, o limite para a produção de implicaturas a partir de enunciados? Sperber e Wilson respondem que o limite é a relevância. Para que a resposta, no entanto, possa ser aceita em bases científicas, o desafio passa a ser conceituar relevância em termos formais, o que é feito na TR. Na perspectiva da TR, um enunciado, para ser considerado relevante, não pode produzir um conjunto insuficiente de implicações contextuais, um conjunto de implicações tão pequeno que o ouvinte possa mesmo questionar-se sobre o próprio interesse que o falante tem de manter a comunicação<sup>6</sup>. Além disso, não pode acontecer que o ouvinte, para obter as implicações

---

<sup>4</sup> Essa é uma forma simplificada de fazer referência aos fatos, uma vez que, como esclarecem Sperber e Wilson, o processo é mais complexo, envolvendo um primeiro estágio responsável pelo processo de preenchimento de lacunas necessário à geração de formas proposicionais (explicaturas) e um segundo estágio de produção de implícitos.

<sup>5</sup> Uma análise atente permite observar que o termo *contexto* é usado em Sperber e Wilson (1986) de forma ambígua, referindo-se, em alguns momentos, ao conjunto de proposições que participam efetivamente do processo de geração de implicaturas, em outros, ao conjunto de suposições mutuamente manifestas aos interlocutores no processo de comunicação. Isso não causa confusão para o leitor da obra, uma vez que cada utilização é bem compreendida no momento da leitura. Além disso, parece claro que a segunda interpretação mencionada poderia ser equiparada, mesmo que imprecisamente, àquela que se dá ao termo *common ground*, consagrado nos estudos em Pragmática (embora haja uma diferença substancial entre conjunto de proposições mutuamente manifestas, a proposta de S&W, e proposições mutuamente compartilhadas, a exigência stalakeriana normalmente aceita pelas abordagens pragmáticas para a identificação do *common ground* entre interlocutores). Para os autores, é a primeira interpretação a mais importante, uma vez que ela serve justamente para estabelecer a distinção entre *contexto* e *common ground*, teoricamente importante, mas ignorada pelas abordagens anteriores à TR. O fundamental é enfatizar que, na TR, o contexto, a rigor, não é dado, mas construído no processo de interpretação. É essa construção de contextos para gerar implicaturas que está submetida a um princípio mais geral de relevância.

<sup>6</sup> Essa é uma situação extrema, que dificilmente ocorre, dada a presunção de relevância que interlocutores sustentam em suas trocas conversacionais.

contextuais capazes de satisfazê-lo em sua justa expectativa, precise realizar um esforço interpretativo desproporcional aos efeitos obtidos<sup>7</sup>.

Para a TR, portanto, a relevância de um enunciado, embora não possa ser mensurada matematicamente, pode ser estimada com base na comparação entre o custo de processamento do estímulo produzido pelo falante e o benefício cognitivo obtido. Esse benefício é constituído por um conjunto de suposições (implicações contextuais) que o falante pretende tornar mutuamente manifestas para ele e seu(s) interlocutor(es); é o que se pode considerar a *intenção informativa* do falante.

Em relação à tradução, uma contribuição possível da TR é a de possibilitar a avaliação das escolhas tradutórias em circunstâncias específicas, permitindo identificar em que medida as opções feitas pelo tradutor mantêm os efeitos contextuais do original. Além disso, dado que o conceito de *relevância* é comparativo (e não classificatório), levando em consideração o balanço entre efeito e esforço, a TR pode auxiliar na comparação do dispêndio de energia para interpretar enunciados entre tradução e original. Ou seja, a teoria permite avaliar se a tradução é tão relevante quanto o original – se mantém a *intenção informativa* presente no original – considerando os dois aspectos envolvidos: efeitos contextuais e esforço de processamento.

No âmbito dos estudos da tradução, Gutt (2000), filiando-se à TR, afirma que, na comunicação, a interpretação pretendida pelo falante/autor não depende somente da decodificação da mensagem, mas também do contexto idealizado pelo falante no momento da comunicação. Gutt propõe que o texto traduzido é uma interpretação interlingüística que o tradutor faz de acordo com o pensamento do autor do texto original. Observa-se, então, que o tradutor também deve ter o cuidado de preservar a *intenção informativa* do autor do texto original para que o leitor compreenda o sentido do texto a partir da ostensão realizada pelo tradutor.

Nessa perspectiva, o ato tradutório visa a transmitir a mensagem do texto original em um sentido mais amplo, ou seja, transmitir o conjunto de suposições implicadas no texto da língua-fonte. Para reduzir as falhas de compreensão, o texto traduzido deve

---

<sup>7</sup> Este seria justamente o caso aludido no parágrafo anterior, em que o ouvinte passaria a inferir um conjunto ilimitado de implicações a partir de um enunciado. O problema com esse tipo de procedimento está justamente relacionado ao custo, uma vez que, quanto menos acessível é um conjunto de proposições estocadas na memória, maior é o custo de seu processamento. Essa situação faz pensar a respeito da acessibilidade às informações, assunto abordado em Sperber e Wilson (1986) que, em nome da brevidade, não será discutido neste artigo.

ostentar enunciados de forma a permitir a manutenção dos efeitos contextuais originalmente pretendidos.

Com a finalidade estabelecer distinções entre traduções possíveis, Gutt (2000) divide as *situações de comunicação em primária e secundária*. Uma *situação de comunicação primária* ocorre quando o tradutor consegue, a partir de sua tradução, estimular a interpretação na qual o enunciado produzido permita a ativação de um conjunto de suposições equivalente ao encontrado na interpretação do original, mantendo os efeitos contextuais pretendidos pelo autor. Uma *situação de comunicação secundária* ocorre quando o leitor (o público-alvo) da tradução não recebe do tradutor o estímulo necessário para que faça as suposições contextuais adequadas, pretendidas pelo autor do texto original, levando a problemas na interpretação do enunciado.

No que se refere à metáfora, é importante realçar que ela provoca efeitos poéticos no leitor por meio de implicaturas fracas. Essas implicaturas são vagas, possibilitando que o leitor selecione as interpretações possíveis que lhe são mais salientes. Portanto, se, numa tradução, o leitor não obtiver os efeitos contextuais adequados, consistentes com o Princípio da Relevância e equivalentes aos encontrados no texto-fonte, a tradução pode não ser satisfatória, como observa Gutt, referindo-se ao ouvinte:

Se o ouvinte não consegue encontrar uma interpretação consistente com o Princípio da Relevância, ele não terá certeza do que o autor está pretendendo comunicar. (...) a falta de efeitos contextuais adequados talvez cause a impressão de que o texto é irrelevante para ele (...) e o receptor coloque a tradução de lado (2000: 96).

Segundo a proposta de Gutt, portanto, a tradução é um tipo de linguagem interpretativa (*uso interpretativo interlingüístico*). O tradutor busca compor um texto na língua-alvo que mantenha, para o leitor, as mesmas suposições que o autor do texto original comunicou ao leitor da língua-fonte. Caso contrário, o leitor da tradução não obtém os efeitos contextuais adequados. À luz da Teoria da Relevância, a boa tradução é um texto interpretativamente semelhante ao original.

### 3. A LEGENDAGEM DE FILMES

O tradutor de filmes não pode esquecer-se de apresentar ao espectador mais a função do que a forma do texto e de buscar adequação lingüística. Deve procurar também evitar *palavras em excesso, buscando o equilíbrio de espaço e tempo* (FOBÉ, 1992: 17-18). Conforme Ridd, o legendador deve levar em conta que seu texto-alvo, a legenda, não é uma tradução convencional, mas um auxílio comunicativo ao espectador que não domina a língua original do filme. Portanto, o legendador deve tomar dois cuidados básicos: a) a legenda deve ter uma *unidade semântica*, isto é, cada legenda deve ter em si um sentido completo; b) a legenda não deve ser somente um *elemento comunicativo*, mas também capaz de *transmitir prazer lingüístico*, contribuindo para o valor estético do filme, com a utilização de vocabulário variado e atraente para compensar o esforço do espectador (MAGALHÃES, 1996: 477).

Segundo Soares, há dois limites básicos na legendagem: a) o tempo necessário para a leitura de uma legenda é maior que o tempo usado para a assimilação da fala do texto correspondente; b) o tamanho do texto traduzido (a legenda propriamente dita). Portanto, muitas vezes é impossível traduzir na íntegra o que foi dito no texto original. Sendo assim, devem-se realizar adaptações para sintetizar o texto traduzido, a fim de que o leitor, que não domina a língua-fonte, possa compreender a mensagem do filme, o que, para os conhecedores da língua-fonte, pode parecer um “assassinato” da mensagem original, conforme coloca Leonardo Teixeira (2002: 4).

Devido à necessidade de adaptação do texto traduzido, trabalha-se, então, com o objetivo de produzir um texto de fácil compreensão. Não há como retroceder na leitura para entender melhor o que foi dito, como se pode fazer quando se está lendo uma tradução de um texto literário. Também não é possível incluir notas de rodapé, explicando a intenção do autor do texto original. Como afirma Teixeira (2002), “a boa legenda não deve desviar a atenção do espectador do filme, senão este passará a maior parte do tempo tentando decodificar o que se pretendeu dizer”.

Não se deve pensar, no entanto, que essas considerações autorizem uma liberdade ilimitada na legendagem de filmes. Ao contrário, “deve-se aliar precisão de informação, adequação de texto ao tempo de leitura e boa apresentação estética da legenda e estilo coerente com a fala original” (TEIXEIRA, 2002:4). Ridd acrescenta que o tradutor de legendas deve levar em conta as diferenças do discurso falado e do

discurso escrito, pois o texto escrito é mais condensado do que a fala e do que deve ser a legenda.

#### 4. A ANÁLISE DA TRADUÇÃO DE METÁFORAS

Em sua atividade, o tradutor encontra desafios permanentes, que exigem a manutenção das *intenções informativas* do autor nas circunstâncias em que a obra é recebida por públicos com conjuntos de crenças e formação cultural distintos daqueles encontrados no público do texto-fonte. Muitas vezes, o texto original faz alusões a fatos totalmente desconhecidos para o público do texto traduzido, caso especialmente difícil para o tradutor ocupado com a produção de legendas, uma vez que não dispõe do recurso à nota explicativa.

Há situações, portanto, em que ao tradutor não resta outra alternativa senão a de afastar-se da tradução literal, buscando manter os efeitos pretendidos pelo autor do texto através de escolhas que possam, na língua-alvo, garantir um resultado expressivamente equivalente ao encontrado no texto original. Mas, diante das diversas possibilidades que se apresentam, qual (ou quais) seria(m) aquela(s) defensável(is)? As considerações feitas anteriormente sobre a Teoria da Metáfora Conceitual e a Teoria da Relevância sugerem algumas respostas.

Especificamente sobre a metáfora, considerando com Lackoff e Johnson que os usos metafóricos são a norma, e não a exceção, e que são uma forma de constituição do próprio pensamento em que se compreende e experiencia uma coisa em termos de outra, parece razoável supor que o texto traduzido deve procurar manter a mesma estrutura metafórico-conceitual encontrada no texto original. Sendo assim, diante da impossibilidade de traduzir literalmente uma passagem, ao tradutor resta ainda a possibilidade de manter-se dentro do mesmo campo conceptual instaurado no texto original. A razão não se limita apenas a considerações sobre a fidelidade desejada para traduções. Deve-se considerar que à mudança de campo conceptual corresponde a alteração de um pequeno universo de associações que compõe a atmosfera expressiva de uma obra. A manutenção dessa atmosfera deve, em princípio, ser um dos objetivos do tradutor.

A fidelidade ao campo conceptual da metáfora original está relacionada ainda a considerações sobre relevância. Segundo a TR, o valor expressivo de um enunciado equivale ao conjunto de efeitos contextuais que promove. É evidente que o contexto construído por um campo conceptual difere daquele produzido por outro, colocando em evidência um conjunto de informações distinto daquele originalmente pretendido, o que pode, inclusive, comprometer a compreensão dos enunciados subseqüentes para cuja interpretação sejam necessárias certas informações perdidas no processo de tradução<sup>8</sup>.

Essas considerações, somadas às exigências de concisão relacionadas, mais especificamente, à tradução feita para legendas de filmes, sugerem um conjunto de critérios mínimo para a avaliação de traduções para legendas, apresentado a seguir.

- 1) A tradução deve ser caracterizada pela brevidade necessária para uma leitura que não impeça o acompanhamento das imagens (pelo menos, não deve ser mais extensa que o texto original)
- 2) Nos casos de tradução de metáfora, a metáfora do texto na língua-alvo deve manter a estrutura conceptual da metáfora usada na língua-fonte.
- 3) A tradução deve manter a relevância do texto original, ou seja, deve respeitar a *intenção informativa* do original<sup>9</sup>, obtida a um mesmo custo de processamento do original.

Esses critérios serão utilizados na análise de dois exemplos de legendagem a seguir.

Em cada exemplo, primeiramente, é apresentado o enunciado originalmente encontrado no filme, em língua alemã, traduzido literalmente para o português. Depois, apresenta-se a metáfora conceptual (em maiúsculas) que se depreende do enunciado em língua alemã (língua-fonte). Segue-se a tradução encontrada na legenda do filme, acompanhada da metáfora conceptual (em maiúsculas) que se depreende desse enunciado em língua portuguesa. Por último, é explicada a motivação corpórea (Gibbs,

---

<sup>8</sup> Seriam informações ativadas como parte dos efeitos contextuais presentes no original, mas ausentes no texto traduzido.

<sup>9</sup> Deve, portanto, tornar mutuamente manifestas o mesmo conjunto de suposições tornadas mutuamente manifestas pelo original.

2006), descrevendo as experiências que supostamente geraram a metáfora, e discutida a tradução da metáfora à luz da Teoria da Relevância, observando os princípios da legendagem.

O primeiro caso é extraído do filme *Bella Martha*, um filme alemão de Sandra Nettelbeck, cuja trama apresenta a vida de Martha (Martina Gedeck), uma chefe de cozinha perfeccionista que, com seu modo charmoso e obsessivo, cria verdadeiras obras de arte cozinhando num pequeno restaurante em Hamburgo. Apesar disso, seu cotidiano é monótono. Martha é muito introvertida e praticamente não possui vida própria, dedicando-se totalmente ao trabalho. Tudo isso muda quando sua irmã morre em um acidente, fazendo com que ela tenha de cuidar de Lina (Maxine Foerste), sua sobrinha de oito anos.

É quando aparece Mario (Sergio Castellito), um extrovertido cozinheiro italiano que consegue trazer um pouco de alegria para as duas. No momento em que Martha e Mario começam um romance, o pai de Lina, que há muito tempo estava desaparecido, surge querendo levá-la para a Itália. O exemplo abaixo foi extraído do momento em que Martha falta ao trabalho para cuidar de sua sobrinha e Mario vai visitá-la, dizendo que a dona do restaurante ferveu de raiva.

(1A) Metáfora lingüística do texto original:

Frida *hat gekocht vor Wut*. (BELLA MARTHA)

Tradução literal: Frida *ferveu de raiva*. (tradução nossa)

Metáfora Conceptual: O CORPO É UM RECIPIENTE. (LAKOFF E JOHNSON, 1980/2002: 81)

(1B) Legenda do filme:

Frida *estava furiosa*. (BELLA MARTHA)

Metáfora Conceptual: não é metáfora.

A metáfora presente no original trata-se de uma metáfora ontológica, segundo a qual um tipo de estado pode ser conceptualizado como um recipiente:

Nós somos seres físicos, demarcados e separados do resto do mundo pela superfície de nossas peles; experienciamos o resto do mundo como algo fora

de nós. Cada um de nós é um recipiente com uma superfície demarcadora e uma orientação dentro-fora (LAKOFF E JOHNSON, 1980/2002:81).

Lakoff e Johnson postulam que “nós, seres humanos, projetamos a nossa própria orientação dentro-fora sobre outros objetos físicos que também são delimitados por superfícies” (LAKOFF E JOHNSON, 1980/2002:81). Dessa maneira, concebemos esses objetos e o nosso corpo humano como recipientes com um lado de dentro e um lado de fora. Eles afirmam ainda que essa projeção está inserida em nossas atitudes diárias, como, por exemplo, sair e entrar de um quarto, quebrar uma pedra para ver o que há dentro, entrar na floresta, em terras demarcadas por fronteiras. Um exemplo dos autores considera o ato de entrar em uma banheira: “A banheira é um objeto recipiente, enquanto a água é uma substância recipiente” (LAKOFF E JOHNSON, 1980/2002: 82).

Na expressão “Frida *hat gekocht vor Wut*”, Frida (o corpo) é o recipiente e, dentro dela, há uma substância que ferve quando ela sente raiva. Aqui, a utilização da preposição “de”, em língua portuguesa, tem um valor causal: é por causa da raiva que Frida ferve. Como a metáfora conceptualiza uma relação dentro–fora, parece haver uma sugestão de que a causa da raiva – que, por sua vez, é causa do “ferver de Frida” – seja externa a Frida. Importante ainda é observar que o verbo “ferver” remete à idéia de processo, mais especificamente, de ápice em um *continuum* de estados. Todas essas suposições são tornadas manifestas pela utilização do enunciado original; todas elas são perdidas na tradução.

Não há, no entanto, nenhuma justificativa prática para a opção feita na tradução. A metáfora original, quando traduzida, permanece perfeitamente inteligível para o público falante de língua portuguesa. Também a tradução literal não implica qualquer alteração na extensão do enunciado que pudesse comprometer o acompanhamento do filme. Tampouco seria possível argumentar que o custo exigido pela tradução fiel seja maior que o exigido pela tradução proposta: a cena em que o enunciado aparece torna altamente acessíveis contextos em que a metáfora original produz consideráveis implicações contextuais.

A tradução “Frida estava furiosa”, então, ao eliminar a metáfora, promove um empobrecimento retórico em relação ao texto original, eliminando um conjunto de suposições tornados manifestos no texto-fonte. Essa eliminação, contudo, é feita sem qualquer redução de custo de processamento, uma vez que todas as suposições

adicionais promovidas pelo enunciado-fonte não dependem de extensões de contexto<sup>10</sup> para serem interpretadas. Perdem-se, portanto, as idéias de processo, de ápice de processo e de causa, configurando uma situação que Gutt (2000) denomina *situação de comunicação secundária*.

O próximo exemplo é extraído do filme *Em lugar nenhum na África*, de Caroline Link. Em 1938, pouco antes de iniciar a 2ª Guerra Mundial, a família Redlich foge da Alemanha e se instala no Quênia, na África. Lá, o advogado Walter Redlich (Merab Ninidze) passa a trabalhar numa fazenda, enquanto sua mulher, Jettel (Juliane Köhler), filha de uma família burguesa, tenta se adaptar à nova vida. Regina (Lea Kurka), a filha do casal, cresce e aprende a língua e os costumes locais, encontrando no cozinheiro Owunor (Sidede Onyulo) um amigo.

Quando a guerra está acabando, Walter recebe uma proposta para atuar como juiz em Frankfurt. Depois de tantos anos em que aprenderam a amar o novo país, Jettel e Regina começam a duvidar se voltarão para a Alemanha com ele. Então, numa conversa com o cozinheiro, Walter afirma que os dois, isto é, o casal, são como dois pacotes amarrados e viajam sem rumo num trem. Eles nunca sabem o que fazer e para onde ir.

(2A) Metáfora lingüística do texto original:

Manchmal denke ich, *wir sind wie zwei Pakete fest verschwingt nebeneinander auf einem Zug. Sonst in einer Unbekannte Adresse bringt. Wir reisen eine weite Strecke miteinander*, aber was in dem da drin ist, wissen wir nicht.

Tradução literal: Às vezes, penso que *nós somos como dois embrulhos amarrados bem juntos* num trem que está nos levando para um endereço desconhecido. *Viajamos um longo caminho juntos*, mas o que há lá dentro, não sabemos. (tradução nossa)

Metáfora conceptual: AMOR É UMA VIAGEM (LAKOFF E JOHNSON, 2000:104)

(2B) Legenda do filme:

---

<sup>10</sup> Muitas vezes, para interpretar um enunciado, é preciso fornecer um contexto apropriado não-imediato, por exemplo, um contexto formado por suposições que já saíram da memória de curto-prazo da audiência. Quando essas extensões de contexto são necessárias, o custo é maior, e deve ser acompanhado de um benefício adicional.

Às vezes, penso que *nós somos como dois embrulhos bem amarrados*, jogados num trem que está nos levando para um endereço desconhecido. *Viajamos um longo caminho juntos*, mas não sabemos o que há lá dentro.

Metáfora Conceptual: AMOR É UMA VIAGEM (LAKOFF E JOHNSON, 2000:104)

Na expressão lingüística em língua alemã, no exemplo (2A), verifica-se a metáfora conceptual subjacente AMOR É UMA VIAGEM, pois se trata da fala de um homem que faz uma analogia entre o relacionamento com sua amada e dois embrulhos que viajam para um destino desconhecido. É como se ambos vivessem um amor imprevisível, e somente a trajetória da vida, mapeada a partir do domínio-fonte VIAGEM, pudesse levá-los a um destino.

A tradução da metáfora lingüística para a língua portuguesa é adequada, dado que a metáfora conceptual foi mantida na tradução, estruturando AMOR, domínio-alvo abstrato que se busca definir, em termos de VIAGEM, domínio-fonte concreto de experiência. De acordo com Lakoff e Johnson (1980), o amor de um casal é considerado uma viagem, passando por vários lugares, várias situações. Assim, o sentido metafórico de amor permanece o mesmo em ambas as expressões lingüísticas.

No que se refere à relevância, as duas formas são praticamente equivalentes. A única diferença a ser registrada é a forma de descrever os dois pacotes: enquanto no original o texto apresenta “*dois embrulhos amarrados bem juntos*”, a tradução opta por “*dois embrulhos bem amarrados*”. A forma original, por apresentar a imagem de dois embrulhos amarrados juntos, dá uma maior ênfase à união. A forma traduzida, ao contrário, parece enfatizar um certo isolamento (sempre possível ao longo de uma viagem), uma vez que dois pacotes podem estar bem amarrados, mas, mesmo assim, distantes um do outro. As implicações contextuais de tais diferenças podem, no contexto interpretativo mais geral, ser significativas para a composição do discurso narrativo do filme.

O advogado Walter ama muito sua mulher, Jettel. Apesar de pertencer a uma família burguesa, ela faz o possível para se adaptar à nova vida e acompanhar o marido em suas novas trajetórias. Tudo para que a família não se desestruture e lute até o final, mesmo sem saber o destino certo. É por este motivo que Walter afirma, como é visto no exemplo acima, que os dois (o casal) são como dois pacotes amarrados bem juntos, que

também viajam juntos enfrentando os problemas, porém sem saber o rumo certo. Nesse caso, a forma original (“*dois embrulhos amarrados bem juntos*”) representaria o reforço de uma suposição com um grau de confirmação que (talvez) não tivesse ainda chegado ao nível máximo. Esse reforço não se realiza com a tradução, que, por permitir a interpretação segundo a qual os embrulhos estão bem amarrados separadamente, chega a sugerir um certo distanciamento entre os personagens.

De qualquer forma, a tradução (2B) pode ser considerada com um grau de relevância muito próximo ao original, com a manutenção de grande parte das suposições contextuais pretendidas pelo autor. Pode-se afirmar que, neste caso, ocorreu o que Gutt (2000) denomina de *situação de comunicação primária*, isto é, uma situação em que o enunciado produzido na tradução foi combinado inferencialmente com as suposições contextuais correspondentes do texto original. Aqui, o tradutor conseguiu obter a semelhança interpretativa entre as duas formas proposicionais na língua-fonte e na língua-alvo, beneficiando o espectador.

## CONCLUSÃO

A análise dos exemplos procurou evidenciar a importância das contribuições dos modelos teóricos de Lakoff e Johnson e de Sperber e Wilson para a reflexão sobre a prática tradutória. Promovendo uma conscientização sobre os procedimentos envolvidos no processo de tradução, as teorias consideradas apresentam conceitos que permitem identificar aspectos importantes para a análise dos resultados em tradução, o que é fundamental quando se trata de buscar as melhores soluções nessa atividade.

A Teoria da Metáfora Conceitual, ao revelar a densidade metafórica da linguagem verbal, chama a atenção para o fato de que há um cruzamento de sentidos que funda a própria linguagem como fenômeno da cognição. Sendo assim, o discurso verbal está inegavelmente marcado por um cruzamento permanente de sentidos, cuja ocorrência ultrapassa em muito os usos metafóricos considerados literários. A conscientização desse intenso cruzamento permite perceber a obra a ser traduzida como um conjunto de efeitos de sentido, mesmo nos casos em que, ilusoriamente, o leitor pode pensar estar diante de enunciados com significado literal. Não há como negar a

importância desse tipo de conscientização para aqueles que estão envolvidos com o processo tradutório.

A Teoria da Relevância, sublinhando o papel das inferências no processo de comunicação, permite refletir sobre as soluções tradutórias sob uma perspectiva ampla, em que devem ser consideradas as possíveis lacunas de conhecimento do público que entrará em contato com o texto traduzido, as relações que se estabelecem entre enunciados e o conteúdo precedente encontrado na própria obra, e as conseqüências das implicações contextuais de enunciados traduzidos para os enunciados subseqüentes e para a própria construção de sentido originalmente pretendida. A TR, por sua forma de descrever a comunicação humana, permite compreender a tradução não como uma transposição atomizada das partes do todo que forma o texto original para as partes do todo que forma o texto traduzido, mas como a transposição da malha de sentidos do texto original para uma malha equivalente no texto traduzido, cujas partes interagem de forma complexa, mas não desordenada.

As duas teorias, com suas contribuições, permitem realizar uma reflexão capaz de auxiliar o tradutor a evitar aquilo que Gutt (2000) chamou de *situação de comunicação secundária*. Mesmo admitindo que uma tradução sempre se afasta em alguma medida do original, parece evidente que, entre as possibilidades disponíveis, o tradutor precisará descartar determinadas opções. É a discussão aprofundada sobre o processo de tradução, em que se procura explicitar o vínculo entre teorias constituídas e critérios de análise pertinentes, que propicia ao tradutor uma conscientização sobre a sua atividade, permitindo-lhe refletir com maior clareza sobre as possíveis soluções para os constantes desafios que encontra em seu trabalho.

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. FERREIRA, Luciane Corrêa. *A Tradução da Ironia: uma abordagem à luz da Teoria da Relevância*. 108p. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.
2. FOBÉ, Nair Leme. Uma experiência em dublagem e legendação. *Letras: Revista do Instituto de Letras da PUCAMP*. Campinas, vol.11, n. 1/2, p. 11-19, 1992.

3. GIBBS Jr., R. *Embodiment and Cognitive Science*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
4. GOOD BYE LENIN. Produção de Stefan Arndt. 2003. DVD, 118 min. Áudio: alemão e português. Legendas: português e alemão.
5. GUTT, E. *Translation and Relevance.Cognition and Context*. Manchester: St. Jerome, 2000.
6. LAKOFF, George.; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press. 1980. [Tradução brasileira: *Metáforas da vida cotidiana*. Mara Sophia Zanotto (coord.).Campinas, SP: Mercado de Letras. São Paulo, 2002. ]
7. MAGALHÃES, Célia. Estratégias de análise microtextual: os níveis lexical e gramatical. In: ALVES, Fabio; MAGALHÃES, Célia; PAGANO, Adriana. *Traduzir com autonomia: estratégias para o tradutor em formação*. São Paulo: Contexto, 2000, p. 87-112.
8. RIDD, Mark David. Legendagem: corda bamba entre o oral e o escrito. In: MAGALHÃES, Isabel. *As múltiplas faces da linguagem*. Brasília: UnB, 1996, p. 475-482.
9. SIQUEIRA, Maity. *Metáfora: intersecção entre abordagens lógicas e cognitivistas*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.
10. SOARES, Danielle. *Tradução para dublagem e legendagem*. Rio de Janeiro: Boletim da ABRATES. Disponível em: <<http://www.abrates.com.br/>>. Acesso em 20 out. 2006.
11. TEIXEIRA, Leonardo. *Tradução para legendagem – considerações*. Rio de Janeiro: Boletim da ABRATES. Disponível em: <<http://www.abrates.com.br/>>. Acesso em 20 out. 2006.
12. SPERBER, D.; WILSON, D. *Relevance: communication and cognition*. Oxford: Blackwell, 1986.

**RESUMO:** O presente estudo situa-se no âmbito da lingüística cognitiva e visa a investigar o fenômeno da tradução de metáforas em filmes alemães. A fim de ilustrar o fenômeno estudado e apresentar possíveis contribuições para os estudos teóricos da tradução, fez-se uso da Teoria da Metáfora Conceptual, de Lakoff e Johnson, para a análise da metáfora e da Teoria da Relevância, de Sperber & Wilson, para a análise do processo tradutório. As seguintes perguntas nortearam o estudo: Qual a importância das metáforas na tradução como ato comunicativo? Até

que ponto o modelo da Teoria da Metáfora Conceptual e da Teoria da Relevância podem auxiliar os estudos teóricos da tradução na análise das metáforas? O estudo apontou o potencial descritivo de ambas teorias como uma ferramenta auxiliar na compreensão da metáfora e de sua tradução.

**PALAVRAS-CHAVE:** tradução; lingüística cognitiva; metáfora; pragmática.

**ABSTRACT:** The present study aims at investigating the translation of metaphor in German films from a cognitive linguistics perspective. In order to illustrate the phenomenon and point out possible contributions to a translation theory, we used Conceptual Metaphor Theory of Lakoff and Johnson for the metaphor analysis and Relevance Theory of Sperber and Wilson to analyse the translation process. The following questions guided our investigation: What is the importance of metaphor for translation as a communicative act? To what extent can Conceptual Metaphor Theory and Relevance Theory contribute to the metaphor analysis and the Translation Studies? The study revealed the descriptive potential of both theories as a tool to metaphor comprehension and its translation.

**KEYWORDS:** translation; cognitive linguistics; metaphor; pragmatics.

Artigo recebido no dia 05 de dezembro de 2006.

Artigo aceito para publicação no dia 25 de janeiro de 2007.